ROTEIRO BÁSICO E PRÁTICO PARA ELABORAÇÃO DE PROJETO DE PESQUISA.

Nécio Turra Neto¹

PALAVRAS-CHAVE: PROJETO, PROBLEMA DE PESQUISA, LEITURA.

Introdução

A atividade de pesquisa é um empreendimento difícil, exige método, rigor, objetivos bem delimitados, muita imaginação e, até, um pouco de sorte.

Como define Pádua (1997) pesquisa é uma atividade que, voltada à responder questões que brotam de inquietação diante da realidade, conduz a elaboração de um conhecimento novo, que auxilia na sua compreensão.

Trata-se de um trabalho meticuloso, que exige um planejamento anterior, antes de ser executada. A este planejamento da pesquisa denominamos **Projeto de Pesquisa** (RUDIO, 1996). Este planejamento nada mais é do que definir o que se vai pesquisar, que questões se quer responder, com que finalidade, por que, com quais instrumentos metodológicos. Sua função é traçar o campo de atuação e o caminho a ser percorrido.

Sem este caminho definido, sem o projeto de pesquisa, o pesquisador e pesquisadora lançam-se numa improvisação, fazem um trabalho confuso e percorrem um caminho como que pisando em ovos, dada a insegurança com que realizariam seu percurso (RUDIO, 1996).

Para Lakatos e Marconi (1989, p. 99), todo projeto de pesquisa deve responder às “[...] clássicas questões: o que? Por que? Para que e para quem? Como, com que, quanto? [...]”, às quais acrescentamos outras: onde? Quando? (CORRÊA, s.d.).

A problemática do projeto responderia às questões o que? Onde? e quando? Além de nos dizer das questões que serão colocadas à realidade assim delimitada. A questão o que? refere-se ao tema da pesquisa (o recorte temático), e as outras duas (onde? quando?) aos seus recortes espacial e temporal (CORRÊA, s.d.).

Para tratar desta fase tão importante da pesquisa – a elaboração do seu planejamento que se materializa num projeto de pesquisa –, vamos seguir suas várias etapas constituintes, a fim tornar mais didático, aos iniciantes, os vários passos deste difícil trabalho intelectual.

¹ Professor do Departamento de Geografia da FCT/UNESP – Campus de Presidente Prudente.

Não há consensos, entre os estudiosos que elaboraram manuais de pesquisa, sobre um modelo único de projeto. Há várias propostas de formato, de estrutura, ainda que todas estejam voltadas a responder às mesmas questões já apresentadas acima.

Além disso, quando for o caso de submeter o projeto à uma instituição para receber avaliação, deve-se atentar para o fato de que, via de regra, toda instituição tem seu modelo próprio de projeto de pesquisa, indicando, inclusive, o número máximo de páginas.

O que apresentaremos a seguir é, então, apenas uma proposta possível de modelo e é como tal que deve ser encarada.

Antes de chegar a construir a estrutura do projeto, contudo, alguns procedimentos são fundamentais e anteriores: delimitação do tema, construção do problema, estabelecimento dos objetivos, leitura bibliográfica, estabelecimento dos materiais e métodos da coleta de dados, consideração do tempo disponível para a pesquisa. A redação final do projeto deve conter todas estas operações, e cada uma delas se refere a uma ou mais partes do projeto.

Somente depois de se construir mentalmente e por meio de anotações o projeto é que se pode, enfim, partir para sua redação. Após redigido, o projeto deve ser lido e relido, para que nesse processo ocorra a lapidação do texto.

1 – Título

Como afirma Eco (2002, p. 82), “um bom título já é um projeto”. Ele se constitui após a escolha do tema da pesquisa e é resultado de uma delimitação deste, pois o tema é demasiado amplo, precisa ser mais recortado. O tema envolve a questão “o que pesquisar?”. O título além desta última, envolve já também as outras – “quando e onde?”.

Também Lakatos e Marconi (1989, p. 101), discutindo sobre a apresentação da pesquisa, afirmam que “o título, acompanhado ou não por um subtítulo, difere do tema. Enquanto este último sofre um processo de delimitação e especificação, para torna-lo viável à realização da pesquisa, o título sintetiza o conteúdo da mesma.” Por isso, o título é o último item a ser definido. Porém, deve-se caminhar na construção do projeto com títulos provisórios que vão sendo ultrapassados, readequados, lapidados, até se chegar ao título definitivo.

2 – Introdução

Todo trabalho, toda produção de texto, deve apresentar uma introdução, ainda que ela não venha separada como um item específico do trabalho. No caso de um projeto de pesquisa não poderia ser diferente. Cabe saber, então, qual o seu papel num projeto.

A introdução visa apresentar a idéia da pesquisa ao leitor. Já nela o pesquisador e a pesquisadora devem indicar o seu recorte de problemática – o que, onde, quando – e apontar as motivações pessoais que os conduziram a realizar este recorte na realidade. A introdução, portanto, apresenta o objeto de estudo já delimitado e as razões desta delimitação.

Além disso, a introdução apresenta o projeto em si, como ele está estruturado e o que o leitor e leitura podem esperar encontrar em cada uma de suas partes. Por isso, ela é, em termos de redação, a última parte do trabalho a ser escrita, ainda que apareça no início.

3 – Problemática

Há um consenso entre as pessoas que escrevem manuais de pesquisa de que a delimitação do problema é a parte mais importante e ao mesmo tempo mais difícil na construção de um projeto de pesquisa.

Leal (2002, p. 230) assim conceitua problema de pesquisa:

Nem todos os problemas com que nos deparamos se prestam necessariamente à pesquisa científica. Um problema de pesquisa supõe a possibilidade de buscar informações a fim de esclarecê-lo, compreendê-lo, resolvê-lo ou contribuir para sua solução. Um problema de pesquisa, portanto, não é um problema que possa ser resolvido pela intuição, pelo senso comum ou pela simples especulação.

Sua construção se inicia logo após a definição do tema geral. Os recortes espaciais e temporais já são processos envolvidos na construção da problemática. São, por assim dizer, sua parte inicial. Na seqüência deve-se proceder à elaboração de questões para a realidade. A problemática de pesquisa define, em síntese, o **objeto de pesquisa** do projeto.

Qual o objeto de estudo; o que se quer saber dele; de onde surgiram estas questões; qual a relevância delas para entender o objeto? São questões que devem ser respondidas na problematização da pesquisa. Nesse sentido, nela se define não só o objeto, mas também os objetivos.

Na linguagem de Eco (2002), é preciso definir qual será “o núcleo e a periferia da tese”, o que requer que se conheça o material disponível. Por isso, um passo importante e primeiro para a construção da problemática, definido o tema e seus recortes, é a pesquisa bibliográfica.

Além da pesquisa bibliográfica, alguns/as autores/as vão argumentar que faz parte desta etapa, também, uma investigação preliminar no campo, na realidade, em busca de alguns dados que nos familiarizem com o universo empírico da pesquisa. Esta fase da construção da problemática se chama *pesquisa exploratória* (LEAL, 2002; PÁDUA, 1997; RUDIO, 1996).

Para Pádua (1997), o ponto de partida é uma situação problema que o pesquisador e pesquisadora encontram na realidade. O processo que conduz da situação problema ao problema de pesquisa passa pelo levantamento de fatos e pela busca de explicações (teoria), ou seja, uma pesquisa exploratória inicial.

Já Leal (2002) vai argumentar que um problema de pesquisa é formulado a partir da mistura de conhecimentos e valores. O/a pesquisador/a parte de uma percepção sua da realidade, sempre guiada pelos seus valores, e lança-se em busca de informações sobre as questões que o/a inquietaram. Como resultado dispõe de um conjunto de conhecimentos, formado por “fatos brutos” e “fatos construídos ou generalizações”. Que são o que Pádua (1997), acima, chamou de levantamento de fatos e busca de explicações. Os primeiros – fatos brutos – são buscados num contato inicial com a realidade que se quer estudar, com o campo, onde, por meio de conversas informais, aplicação de algum questionário, levantamento de dados estatísticos, construção de mapas, obtemos uma visão geral e inicial sobre o nosso recorte espacial. Os “fatos construídos” são as explicações dadas por outros autores aos processos e/ou fenômenos que estamos tentando estudar, o que nos remete à biblioteca, ao levantamento bibliográfico, às leituras e aos fichamentos – uma parte fundamental para identificarmos quais os conceitos mais trabalhados para cercar o problema que estamos construindo, quais os autores mais importantes, o que cada um diz e pensa. Este levantamento, só resumidamente apresentado aqui para delinear o problema,

deverá posteriormente ganhar sistematização no item Referencial Teórico do projeto de pesquisa.

Enfim, na pesquisa exploratória investimos em duas direções: no campo e na biblioteca. Ambos os caminhos nos produzirão informações e conteúdos que serão articulados na construção da problemática.

Ainda sobre a pesquisa exploratória, Rudio (1996, p. 43) nos traz uma importante contribuição para o entendimento da questão. Segundo ele, os “estudos preliminares” têm o objetivo de equacionar o problema “[...] fornecendo subsídios para a orientação da pesquisa ou identificando obstáculos que evidenciam a inviabilidade do projeto”. E, mais adiante, afirma que os esforços serão dirigidos em três direções importantes: a) “conhecimento teórico”; b) “conhecimento prático”, obtido por meio de observação e conversas informais; c) “adequação ao projeto dos elementos selecionados”, ou seja, os elementos encontrados e selecionados nos plano teórico e no plano prático devem ser avaliados e articulados para compor o problema de pesquisa.

Em síntese, podemos dizer que os/as autores/as citados falam da mesma situação, com terminologias diferenciadas. Todos/as reconhecem a importância da pesquisa preliminar na construção do problema de pesquisa – que não pode jamais ser confundido com a situação problema – e admitem que ela se constitui de uma investida ao campo e outra à biblioteca.

Em termos de redação do item problemática no projeto de pesquisa, este deve conter, de forma narrativa, o processo intelectual que conduziu o/a autor/a do projeto à delimitação do tema e aos recortes que elaborou; uma aproximação teórica do tema e uma aproximação empírica do recorte espacial e temporal; além das principais questões que serão colocadas à realidade definidas à luz da teoria e das informações preliminares do campo.

4 – Objetivos

Os objetivos brotam da problemática. As questões colocadas à realidade aparecem aqui na forma de intenções a serem perseguidas pelo projeto. Não importa que aqui se repita o que já foi dito. O importante é que se diga, em poucas palavras, qual o centro e a periferia da pesquisa. O centro constitui o objetivo geral e a periferia, os objetivos específicos. Estes últimos não podem estar dissociados do primeiro, mas devem ser mais

concretos, indicando pequenas respostas que devem conduzir à resposta maior. Para Bastos e Keller (1996, p. 57), o objetivo geral deve conter “o que pretende o pesquisador no desenvolvimento do assunto [...]” e os objetivos específicos são uma “abertura do objetivo geral em outros menores, que constituirão possíveis capítulos no decorrer da estruturação do trabalho”.

Por sua vez, Lakatos e Marconi (1989) assim definem objetivo geral e objetivos específicos:

- **Objetivo Geral:**

Está ligado à uma visão global e abrangente do tema. Relaciona-se com o conteúdo intrínseco, quer dos fenômenos e eventos, quer das idéias estudadas. Vincula-se diretamente à própria significação da tese proposta no projeto (p. 102).

- **Objetivos Específicos:**

Apresentam caráter mais concreto. Têm função intermediária e instrumental, permitindo, de um lado, atingir o objetivo geral e, de outro, aplicar este a situações particulares (p. 102).

Em termos de redação, recomenda-se que os objetivos, tanto geral quanto específicos, venham escritos em tópicos e iniciados com o verbo no infinitivo – reconhecer; identificar, mapear, explicar; compreender...

5 – Justificativa

A justificativa é a parte do projeto em que o/a pesquisador/a explica porque o trabalho de pesquisa merece ser feito. Qual a sua intenção? Quais contribuições a pesquisa pode trazer tanto para o debate teórico a respeito do tema, quanto para o conhecimento da realidade, ampliando o conhecimento do local sob o aspecto que se pretende enfocar.

A justificativa difere da revisão bibliográfica e, por este motivo, não apresenta citações de outros autores. Difere, também, da teoria de base, que vai servir de elemento unificador entre o concreto da pesquisa e o conhecimento teórico da ciência na qual se insere. Portanto, quando se

trata de analisar as razões de ordem teórica ou se referir ao estágio de desenvolvimento da teoria, não se pretende explicitar o referencial teórico que se irá adotar, mas apenas ressaltar a importância da pesquisa no campo da teoria [bem como no campo da prática] (LAKATOS e MARCONI, 1989, p. 103).

6 – Referencial Teórico

Neste item, o pesquisador e a pesquisadora apresentam o resultado da sua pesquisa bibliográfica preliminar, indicando ao leitor um conhecimento sobre algumas referências bibliográficas e sobre os principais conceitos que irão trabalhar na pesquisa, já num esforço de precisar suas definições.

Ela é fundamental num projeto para evidenciar que o pesquisador e a pesquisadora já têm o mínimo de familiaridade com os debates e conceitos chaves que giram em torno da temática selecionada.

Nesta etapa, o levantamento bibliográfico inicial, necessário para construir o problema de pesquisa, deve ser mais vagarosamente sistematizado.

7 – Metodologias

As metodologias respondem à questão “como?” (CORRÊA, s.d.). Como proceder na pesquisa para atingir os objetivos esperados e responder, de forma satisfatória, às questões levantadas na problemática?

Aqui o/a pesquisador/a evidencia sua **inspiração epistemológica**, pois refere-se ao melhor caminho para atingir o conhecimento da realidade. Ainda que esta inspiração o informe em todo o processo de construção do projeto, visto que tem relação com seus valores, com sua visão de mundo, orienta-o no recorte da realidade e na construção das questões, é na metodologia que ela ganha maior visibilidade.

A esta preocupação mais geral e abstrata soma-se outra de ordem mais prática, que se refere às técnicas de coleta de dados. Estas são múltiplas e variam de acordo com a posição epistemológica.

Pádua (1997, p. 50) no item “coleta de dados” afirma que:

Os principais recursos técnicos que poderemos utilizar são:

- pesquisa bibliográfica
- pesquisa experimental
- pesquisa documental
- entrevistas
- questionários e formulários
- observação sistemática
- estudos de caso
- relatórios (de pesquisa, de estágio etc.)

A autora ainda argumenta que estes recursos não se excluem, podendo aparecer articulados numa mesma pesquisa. Para ela, “a coleta e o registro dos dados pertinentes ao assunto tratado é a fase decisiva da pesquisa científica, a ser realizada com o máximo de rigor e empenho do pesquisador” (PÁDUA, 1997, p. 50), por isso deve ser bem planejada e este planejamento já deve aparecer no projeto.

9 – Cronograma

O cronograma de pesquisa lida com o fator tempo. Apesar dele aparecer quase no final do projeto, o tempo de que se dispõe para realizar a pesquisa deve ser levado em consideração tanto no delineamento da problemática, quanto no estabelecimento dos objetivos.

Ninguém vai propor um problema de pesquisa muito amplo, nem objetivos muito ousados se dispor de apenas seis meses para realizar a pesquisa. Onde se conclui que a abrangência da pesquisa depende do tempo que se tem para executá-la. Questão de planejamento, questão de projeto.

Eco (2002, p. 16) estabelece alguns requisitos para uma pesquisa que tem apenas seis meses para ser executada. Entre eles, aquele que mais nos interessa para os fins desse artigo é o que se refere à circunscrição do tema. Para que a pesquisa seja exequível dentro do prazo disponível, o tema deve ser muito clara e objetivamente circunscrito. O que indica que a preocupação com o tempo já deve aparecer na própria seleção do tema da pesquisa e no estabelecimento dos recortes (espacial e temporal), o que, por si só, também exige uma pesquisa preliminar.

Entrando agora na questão do cronograma em si, podemos perguntar: Qual sua função no projeto e como deve ser construído?

Toda pesquisa é dividida em partes, cujas principais são, segundo Pádua (1997): planejamento – projeto; coleta de dados; análise dos dados; redação final.

Ainda que elas possam andar paralelamente, sobretudo as três últimas – visto que o projeto antecede a todas e deve ser realizado em separado –, ninguém vai analisar dados sem os coletar, muito menos redigir o texto final do trabalho sem ter coletado e analisado os dados, feito a pesquisa bibliográfica, as leituras e os fichamentos... Todas essas atividades podem e devem aparecer de forma seqüencial no cronograma, de modo a prever o tempo necessário para realizar cada uma delas.

Para Pádua (1997), o cronograma deve ser constantemente revisitado para que o/a pesquisador/a possa avaliar o processo de desenvolvimento da pesquisa: se está caminhando conforme o previsto; se houve atrasos em uma etapa mais do que o esperado; se é necessário refazer os objetivos, reestruturar a proposta... E isso é tão mais importante quando se admite que “a disciplina intelectual que o trabalho de pesquisa exige faz com que o pesquisador se organize para escalonar, no tempo disponível, as etapas do processo e as tarefas que cada etapa comporta” (PÁDUA, 1997, p. 46).

Em termos de sua construção no projeto, ele deve aparecer em forma de quadro/tabela, em que no eixo horizontal superior apareçam os meses do ano e no eixo vertical esquerdo as atividades que serão realizadas do início ao final da pesquisa. Veja o exemplo:

MÊS/ATIVIDADES	agosto	setembr o	outubr o	novembro	dezembro
Levantamento bibliográfico; seleção, leitura e fichamento do material	XXXX	XXXX	XX		
Coleta de dados no campo		XX	XXXX	XX	
Análise dos dados			XX	XXXX	
Redação final				XX	XXXX

10 – Referências Bibliográficas.

Todas as referências bibliográficas utilizadas na construção do projeto, e citadas nele, devem aparecer aqui referenciadas, em ordem alfabética pelo sobrenome do autor; sejam elas artigos de revistas, matéria de jornal, livro completo, artigo de livro, censos do IBGE, INCRA, IPARDES, ou mesmo textos extraídos da internet.

Como exemplo, apresentamos na seqüência as referências bibliográficas que utilizamos para a construção deste texto que você acaba de ler. As referências que se seguem não estão aqui apenas para lhe fornecer um exemplo de como elas são construídas, mas sim por uma obrigação mesma de todo trabalho científico que lida com textos de outros autores.

Referências Bibliográficas

BASTOS, C.; KELLER, V. Pesquisa científica. In: _____. *Aprendendo a aprender: introdução à metodologia científica*. 8ª. ed. Petrópolis: Vozes, 1996. p. 54 – 65.

ECO, U. Plano de trabalho e fichamento. In: _____. *Como se faz uma tese*. 17ª. ed. São Paulo: Perspectiva, 2002. p. 81 – 112.

LAKATOS, E. M.; MARCONI, M. de A.. Projeto e relatório de pesquisa. In: _____. *Metodologia do trabalho científico*. 2ª. ed. São Paulo: Atlas, 1987. p. 99 – 135.

LEAL, E. J. M. Um desafio para o pesquisador. A formulação do problema de pesquisa. *Contraponto*, Itajaí, ano 2, n. 5, p. 227-235, maio/ago. 2002.

PÁDUA, E. M. M. de. O processo de pesquisa. In: _____. *Metodologia da pesquisa: abordagem teórico-prática*. Campinas: Papirus, 1997. p. 29 – 89. (Coleção Práxis).

RUDIO, F. V. O projeto de pesquisa. In: _____. *Introdução ao projeto de pesquisa científica*. 20ª. ed. Petrópolis: Vozes, 1996. p. 43 – 54.